

RESSIGNIFICAR O COTIDIANO NO ENSINO DE FILOSOFIA: O DESAFIO DO PRESENTE

RESIGNIFYING EVERYDAY IN THE TEACHING OF PHILOSOPHY:
THE CHALLENGE OF THE PRESENT

Mauricio Silva Alves¹

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara.
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela:
A Baía de Guanabara.
O antropólogo Claude Levy-Strauss detestou a Baía de Guanabara: Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu menos a conhecera mais a amara?²

RESUMO:

O presente artigo foi construído a partir de evidências empíricas sobre as aulas de filosofia ministradas no ensino médio, da disciplina de Filosofia em uma Escola Pública da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná no ano de 2014. É uma tentativa de mostrar que, ressignificar o cotidiano, como um conjunto de acontecimentos, pode ser oportuno para que o professor de filosofia, muitas vezes tomado pelo sentimento de estranheza, proponha a si mesmo, um desafio filosófico, no que se refere às suas práticas pedagógicas e aos conteúdos trabalhados. Deve-se ainda, nesse contexto, considerar que a abordagem do professor, bem como a seleção de material utilizado em sala de aula, revela em boa medida o seu modo de ver as coisas, sua opção por uma maneira de filosofar. O cotidiano é sempre possibilidade de criação, é espécie de aridez em que a experiência flui livremente e o diferente se põe em evidência. Se o professor de filosofia suportar a sensação de estranheza em sala de aula, pode agir de modo diferente, isto é, produzir experiência filosófica, ou seja, quando escolhe interagir com os fatos, com os acontecimentos usando-os a favor de sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Cotidiano. Ressignificar. Aula. Experiência filosófica. Prática pedagógica.

ABSTRACT:

This article was constructed from empirical evidence about the philosophy classes taught in high school, the discipline of Philosophy in a Public Network of the State School of Paraná State Education in 2014. It is an attempt to show that reframe the everyday, as a set of events, it may be appropriate for the teacher of philosophy, often taken by the feeling of strangeness, propose himself, a philosophical challenge, with regard to their pedagogical practices and worked contents. Still is due, in this context, consider that the teacher approach and the selection of material used in the classroom, reveals a large extent their way of seeing things, your choice of a way of philosophizing. The Everyday, is always the possibility of creation, is sort of aridity in which experience flows freely and the different sets in evidence. If the professor of philosophy bear the feeling of strangeness in the classroom, can act differently, that is, produce philosophical experience, that is, when you choose to interact with the facts, with events using them in favor of their teaching .

Keywords: Everyday. Reframing. Class. Philosophical experience. Pedagogical practice.

¹ Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Filosofia na Rede Estadual de Ensino do Paraná. E-mail: mauriciosilva_alves@yahoo.com.br

² Trecho da música: O Estrangeiro de Caetano Veloso.

O presente artigo foi construído a partir de evidências empíricas sobre as aulas de filosofia ministradas no ensino médio, da disciplina de Filosofia em uma Escola Pública da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná no ano de 2014, em que foi possível delinear não apenas o conhecimento teórico dos conteúdos específicos dessa área do saber, como dispõe as Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná, as DCE³, mas também a oportunidade perceber o que é necessário ser abordado em relação à Filosofia, bem como, refletir sobre o melhor modo de transmitir (ou trabalhar) o que é essencial para o aprendizado daqueles que estão em sala de aula.

Contudo, no decorrer deste trabalho, se faz oportuna, a tentativa de mostrar que, ressignificar o cotidiano em sala de aula, se apresenta como um desafio filosófico, no que se refere ao professor e as suas práticas pedagógicas e aos conteúdos trabalhados. Outro aspecto que a ser abordado é a dificuldade de compreensão de boa parte dos estudantes que, segundo Rodrigo(2009), pode ser consequência da impossibilidade do professor reconhecer que seus procedimentos de ensino contribuem para a indiferença dos alunos nas aulas de Filosofia:

O desinteresse pelas aulas de filosofia deriva, em boa parte, da falta de compreensão dos conteúdos ou do fato de que, muitas vezes, o estudante não consegue encontrar significação nesses conhecimentos. O professor pode ter certa cota de responsabilidade nisso, se os procedimentos de ensino que adota contribuem para alimentar o desinteresse e a indiferença (p. 37).

Esse é o resultado da incompreensão do professor, nesse caso, o de filosofia, em ver a “escola como o espaço do confronto e diálogo entre os conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano popular”(DCE-PR, 2008, p.21).

A importância de um professor que ressignifique o cotidiano da sala de aula, isto é, que estimule seus alunos para o gosto filosófico, para a criação autônoma, significativa, não permitindo que os conteúdos específicos da filosofia distem da realidade dos estudantes (MEC, 2006), é outro ponto de reflexão a ser abordado neste trabalho.

³As Diretrizes Curriculares Estaduais do PR dispõem o seguinte sobre a ressignificação do ensino de Filosofia: A produção científica, as manifestações artísticas e o legado filosófico da humanidade, como dimensões para as diversas disciplinas do currículo, possibilitam um trabalho pedagógico que aponte na direção da totalidade do conhecimento e sua relação com o cotidiano. 2008, p. 21.

Ressignificar cotidiano da sala de aula: Um desafio filosófico

O cotidiano, como afirma Gallo é o “conjunto de coisas e situações que acontecem, acontecimentos pedagógicos. Se aprende na formalidade e na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos. Não existe o controle absoluto de tudo que acontece” (2007, p.21).

Se o cotidiano da sala de aula pode ser tomado como um conjunto de acontecimentos, ele nos coloca em prontidão para a experiência filosófica, na medida em que não podemos exercer o controle absoluto dos acontecimentos. Para melhor exemplificar essa noção de cotidiano e suas potencialidades filosóficas, vou me valer de um caso que presenciei no início das aulas de 2014 em uma escola pública no Estado do Paraná, numa classe de 2ª série do Ensino Médio numa aula de Filosofia Política.⁴

No momento em que explanava sobre o que seria discutido surge a seguinte provocação de um aluno: “professor o que fazer politicamente quando um aluno ‘catimbozeiro’, fica conversando o tempo inteiro na aula?” Agi, não com passividade, mas como amigo fiz algumas perguntas e citei uma frase do Livro das Religiões, como se segue: O que você entende por catimbozeiro? Houve um silêncio incisivo em sala. Logo em seguida completei: Será que esse silêncio não é algo que “[...] resulta do conhecimento insuficiente de um assunto?” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p.17). Após essa citação, propus que a turma produzisse vídeos sobre a intolerância religiosa entrevistando a direção da escola, professores e funcionários da escola e em seguida apresentassem em sala aproximando de algum filósofo estudado nas aulas anteriores de filosofia política.

Trago esse caso, para pensar que ele é emblemático. O professor de Filosofia está inserido no cotidiano da sala de aula e são inúmeras as variáveis em jogo, como as diferentes realidades sociológicas do aluno, o momento histórico em que o tema de estudo está sendo abordado, entre outras. Diante desse contexto, o docente de Filosofia deve optar por temas ou procedimentos que considere mais apropriados para a realização de forma plena e eficaz das metas estabelecidas para o ensino de filosofia.

Nesse processo, é relevante que se tome por base – ao fazer a escolha de conteúdos, o desenho de uma estratégia de abordagem e seleção de recursos para realizá-las – é

⁴ Conforme as Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná, p. 68, Filosofia Política é um conteúdo estruturante de Filosofia e que deve ser trabalhado na segunda série do Ensino Médio.

interessante e pertinente dar relevância as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio⁵ de 2006 relativas às competências e habilidades a serem desenvolvidas em filosofia:

Representação e comunicação

Ler textos filosóficos de modo significativo.

Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.

Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo.

Debater tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes.

Investigação e compreensão

Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais.

Contextualização sociocultural

Contextualizar conhecimentos filosóficos tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: pessoal-biográfico; o entorno sociopolítico, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica. (Orientações aos PCNEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias, p.64).

O estímulo à produção de vídeos pelos alunos levando em conta as orientações propostas pelos PCNEM, orientam o professor de filosofia, em certa medida a não se perder na emergência do cotidiano, a não se perder na emergência. Se o aluno não mencionasse a questão do aluno “macumbeiro” não seria possível abordar temáticas ligadas à intolerância de maneira tão concreta e próxima da realidade daquela turma, tudo teria ocorrido bem, e o processo pedagógico teria sido aquilo que todo professor espera: Uma aula sem “bagunça”, conversas paralelas, sem interrupções. Mas O cotidiano sempre surpreende. E diante desse surpreender, não se pode em momento algum, adotar uma postura contrária àquilo que se espera de um professor de filosofia.

É oportuno mencionar aqui um comentário de Guatarri que constitui uma provocação interessante para os professores de filosofia:

(...) uma criança, sentada ao fundo da classe, está de saco cheio e começa a jogar chicletes ou bolotas de papel na cabeça dos outros. Diante dessa situação, geralmente o que fazemos é colocar a criança que está perturbando para fora da sala de aula, ou tentar fazer com que ela se manifeste o menos possível, ou ainda, se estivermos em sistemas mais sofisticados, encaminhá-la para um psicólogo. É muito raro nos perguntarmos se esse fato de singularidade não estaria dizendo respeito ao conjunto da classe. Nesse caso, teríamos que questionar a nossa posição na situação e desconfiar que talvez outras crianças também estivessem de saco cheio, só que sem manifestá-lo do mesmo modo.

Em outras palavras, um ponto de singularidade pode ser orientado no sentido de uma estratificação que o anule completamente, mas pode também entrar numa micropolítica que fará dele um processo de singularização. (GUATARRI & ROLNIK, 1986, p.51).

⁵ Para se referir a esse documento utilizar-se-á daqui em diante a sigla: PCNEM.

O fragmento acima demonstra que o professor de filosofia pode localizar o problema no aluno, enfim, sempre no outro, raramente em sua maneira de atuar em sala, de reconsiderar o cotidiano da sala de aula, atitude essa que impede que aconteça de fato uma experiência filosófica. Mas o que é uma experiência? O que ela tem a ver com o cotidiano? O que é necessário para que ela seja filosófica? Segundo Aspis e Gallo:

A experiência é aquela coisa que, ao acontecer a alguém, transforma essa pessoa, que já não é mais a mesma. É algo que atravessa seu pensamento, suas ideias e faz com que já não possa ser mais o mesmo. Algo se passa, toca e é apreendido de forma transformadora. A experiência filosófica é a experiência de fazer filosofia. É isso que queremos proporcionar aos jovens: a experiência de filosofar. (...) Para Kant⁶, a filosofia é um saber que está sempre incompleto (...) O ato de filosofar seria composto por de passos consistentes na análise e crítica dos sistemas filosóficos (2009, p.17).

Não é muito raro encontrar alguns professores de filosofia incomodados com essa afirmação de que o cotidiano é passível de ser considerado como portador de experiência filosófica, afirmando que tal argumento seria uma subversão do ensino de filosofia pautado em análises de conceitos e leitura dos textos tradicionais da filosofia, pois é uma metodologia mais adequada para instigar os jovens de maneira mais rigorosa, a partir do legado filosófico dos grandes pensadores. Também é possível encontrar aqueles que afirmam ser essa uma separação da experiência filosófica da filosofia. Não seria esse um argumento de conformidade com as obediências em massa?

Apostar na reconsideração cotidiano como portador da possibilidade da experiência filosófica é sugerir uma disponibilidade ao professor de filosofia fazendo-o praticar possíveis interferências filosóficas em seu cotidiano escolar. Como sugere Silvio Gallo são: “estratégias” para as leituras dos textos filosóficos, esclarecendo tudo o que for preciso, para que se possa existir, realmente, a compreensão daquilo que é trabalhado (2012, p.103).

Não se pode cogitar que o incentivo aos jovens de praticarem a produção autônoma de vídeos sobre a intolerância, como mencionado anteriormente, seja uma prática desvinculada da necessidade de terem contato com o texto de autores clássicos da filosofia,

⁶ Segundo Kant: Nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender filosofia, porque *ela ainda não existe* (...). Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os. *Crítica da Razão Pura*, 1983, p. 407.

bem como de compreender de forma crítica, seus métodos, sua história, seus problemas e seus conceitos. Aqui deve ficar evidente que isso é importante, bem como, seria imprudente desvincular a filosofia do filosofar, pois, as duas coisas, ainda que de forma sutil, são uma só.

Nesse caso, o importante é importante que o professor de filosofia não perca a chance singular de adotar uma via completamente diferente daquela planejada, de construir um processo educativo comprometido com a formação da cidadania. Diante dessas situações concretas que emergem no cotidiano da sala de aula⁷, o docente de filosofia deve eleger os temas e procedimentos que ele considera importante para as consecuições estabelecidas para o ensino de filosofia.

Deve-se ainda, nesse contexto, considerar que a abordagem do professor, bem como a seleção de material utilizado em sala de aula revela em boa medida o seu modo de ver as coisas, sua opção por uma maneira de filosofar. Isso faz parte do ensino de filosofia, aliás, isso é essencial na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio:

(...) Tenha feito sua escolha categorial e axiológica, a partir da qual se lê e entende o mundo, pensa e ensina. Caso contrário, além de esvaziar sua credibilidade como professor de Filosofia, faltar-lhe-á um padrão, um fundamento, a partir do qual possa encetar qualquer esboço de crítica. Por certo, há filosofias mais ou menos críticas. No entanto, independentemente da posição que tome (pressupondo que se responsabilize teórica e praticamente por ela), ele só pode pretender ver bons frutos de seu trabalho docente na justa medida do rigor com que operar a partir de sua escolha filosófica – um rigor que, certamente, varia de acordo com o **grau de formação cultural de cada um** (2006, p. 48).

Lutar para que a filosofia permaneça como disciplina no currículo escolar, não é suficiente. É preciso engendrar novas formas de abordagem para que o aprendizado seja de qualidade no qual os estudantes possam, por meio da produção autônoma no cotidiano, que é uma experiência filosófica, poderão reconhecer a filosofia e sua importância sem que haja risco de perdê-la. Segundo Alejandro Cerletti:

Sabemos também que uma parte importante da legitimidade que possa ter nosso campo deverá ser, em última instância, uma autolegitimação (somos conscientes de que são cada vez mais frequentes as tentativas de excluir progressivamente a filosofia dos currículos obrigatórios, substituí-las por outras disciplinas supostamente mais úteis ou práticas para o mundo de hoje) (2004, p. 22).

⁷ Aula, nesse sentido, não deve ser entendida como um “momento marcado por situações de obediência, que guarda seus próprios ritos, vividos pelo professor e pelos alunos. Ao professor, é garantido o direito de voz; aos alunos, o dever de ouvir”. (FARIAS. SALES. BRAGA e FRANÇA, 2009, p.156). Aula deve ser entendida como “fruto de ensaios, acertos e erros, da construção e reconstrução dos modos de ser, sentir e conviver; do empenho, do estudo e da paciência histórica; enfim, do reconhecimento do professor e dos alunos como autores e atores do processo de formação humana e de produção cultural”. (VEIGA, 2008, p. 58).

Portanto, é fundamental que cada educador, contribua para que haja uma mudança no ensino de filosofia em nosso país, e principalmente na escola pública. Que o professor possa ver os aspectos filosóficos do cotidiano. Não seria forçoso aqui, recorrer à célebre passagem de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* sobre o cotidiano: “Queremos compreender algo que já esteja diante de nossos olhos. Pois parecemos, em algum sentido, não compreender isto.” (IF, § 89, p. 61). Este isto apontado por Wittgenstein é nada menos que o cotidiano que está presente em todos os âmbitos da vida, e que permeia todas as nossas atitudes sociais em quaisquer contextos práticos da vida. A emergência da ressignificação do cotidiano da sala de aula, isto é, como o professor reage diante dos acontecimentos cotidianos? A resposta é decisiva, pois, esses acontecimentos são potencialmente legitimadores do papel da filosofia na vida do educando no ensino médio. Eles podem reconstruir de maneira racional o lugar da filosofia, assim como proporcionar a formação de indivíduos, críticos, reflexivos, autônomos, etc. categorias estas que devem ser colocadas em prática.

Considerações Finais

O cotidiano na sala de aula, esse lugar de onde surgem os acontecimentos, é um espaço onde surgem as diferentes experiências filosóficas. Mas qual o olhar do professor de filosofia para elas? Como cada um significa o esse cotidiano de experiências diferentes? A sensação diante do diferente é a de estranheza, de estrangeiridade, para entender melhor, se faz oportuno recorrer o trecho da música de Caetano Veloso citado no início desse trabalho. São os diferentes olhares sobre um acidente geográfico, a Baía de Guanabara. Independente da percepção de como bonita ou como feia, há o sentimento de estranheza, de estrangeiridade.. É a mesma sensação que sentimos ao nos depararmos com a singularidade do cotidiano em sala de aula. Um acontecimento que foge ao controle do professor de filosofia, uma pergunta inesperada, um discurso, ainda que seja intolerante, como citado no início desse trabalho, inegavelmente, é possível ressignificar tudo isso.

Habitamos a força do ordinário da sala de aula, como controladores do espaço e senhores do tempo. Sentimo-nos em nosso lar. Porém, constantemente somos lançados aquém

de nossa vida.⁸ Mais uma vez o que interessa aqui é a reação nossa reação. Podemos reagir de maneira a eliminar, estriar os fluxos, apagar o diferente e afastar toda sensação de estranheiridade. De sujeito desprendido. Mas também de modo a usar essa sensação de estranheiridade como possibilidade de filosofar, de produzir novas maneiras de ensinar filosofia, produzir experiências filosóficas como forma de viver no dissenso, na diferença, sem impor um modo regulador de atuar em sala de aula.

O cotidiano é sempre possibilidade de criação, é espécie de aridez em que a experiência flui livremente e o diferente se põe em evidência. Se o professor de filosofia suportar a sensação de estranheiridade em sala de aula, pode agir de modo diferente, isto é, de maneira a produzir experiência filosófica.

Para produzir a experiência filosófica é importante abrir-se aos acontecimentos. Atentar-se, ver os aspectos “um estado particular, nele não há possibilidade de enganos,” (GLOCK, 1998, p.53), que ocorrem dentro da sala de aula, afim de potencializá-los filosoficamente, e não ser tragado pelo acontecimento. Perder-se num acontecimento é perder a potência de uma produção filosófica.

Produzir, criar, ressignificar. Essas são as possibilidades que nos abre a ressignificação do cotidiano nas aulas de filosofia, quando escolhemos interagir com os fatos, com os acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima e GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

CAVELL, Stanley. **Esta América Nova, Ainda Inabordável: Palestras a partir de Emerson e Wittgenstein**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. SALES, Josete Castelo Branco. BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho e FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e Docência: Aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Trad.: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁸ O Cotidiano não é algo separado de nossas vidas. Cavell, 1997, p.40.

GALLO, Silvio. “Acontecimento e Resistência: educação menor no cotidiano da escola”, In.: CAMARGO, Ana Maria Faccioli e MARIGUELA, Márcio. **Cotidiano escolar: emergência e intervenção**. Piracicaba, SP: Jacintha Editores, 2007.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**. Campinas: Papyrus, 2012.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário de Wittgenstein**. Verbete: Ver aspectos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GUATARRI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril, 1983. Col. Os Pensadores.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Filosofia**, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf Acesso em 14 de fev.de 2015.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas: Autores Associados, 2009.

VEIGA, Ilma P. Alencastro. **Aula: Gênese, princípios e práticas e práticas**. Campinas, São Paulo, 2008.

VELOSO, Caetano. **O Estrangeiro**. In.: CD Estrangeiro. São Paulo: Polygram, 1989.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.